

Conversando sobre transmissão psíquica e transgeracionalidade¹

Talking about psychic transmission and transgenerationality

*Regina Orth de Aragão**

Resumo: O texto apresenta a noção de transmissão psíquica, em suas linhas mais gerais, com ênfase nos estudos sobre a transgeracionalidade, conceito utilizado para a compreensão atual de sofrimentos psíquicos relacionados com formas de transmissão limitadoras, que aprisionam o sujeito em sintomatologias repetitivas, tanto na clínica psicanalítica de adultos como na de crianças.

Palavras-chave: Transmissão psíquica. Transgeracionalidade. Repetição. Cripta.

Abstract: *The text presents the notion of psychic transmission, in its most general lines, with emphasis on studies on transgenerationality, a concept used for the current understanding of psychic sufferings related to limiting forms of transmission, which imprison the subject in repetitive symptoms, both in the psychoanalytical clinic of adults as well as in children's.*

Keywords: *Psychic transmission. Transgenerationality. Repetition. Crypt.*

¹ Texto redigido a partir de apresentação na Mesa-redonda do Grupo de Pesquisa Os Primórdios da Vida Psíquica “Transmissão psíquica”, em 23 de março de 2018.

* Psicanalista, membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Membro fundador da Associação Brasileira de Estudos sobre o Bebê (ABEBÊ).

Quando, na solidão, sonhando mais longamente, vamos para longe do presente viver os tempos da primeira vida, vários rostos de criança vêm ao nosso encontro. Fomos muitos na vida ensaiada, na nossa vida primitiva. Somente pela narração dos outros é que conhecemos nossa unidade. No fio de nossa história contada pelos outros, acabamos, ano após ano, por parecer-nos com nós mesmos. Reunimos todos os seres em torno da unidade do nosso nome

A poética do devaneio (GASTON BACHELARD, 1988).

Cada vez mais evocado como um conceito útil no campo da clínica psicanalítica, tanto na clínica com crianças como na clínica de adultos, a transgeracionalidade, segundo B. Golse (2003) seria uma noção originalmente desenvolvida no contexto da teoria sistêmica e familiar, não sendo de início considerada como um conceito metapsicológico, e os psicanalistas demoraram para integrá-la em suas modelizações. Inicialmente foram psicanalistas de adultos, como N. Abraham, M. Torok, S. Tisseron, entre outros, que se interessaram por utilizar essa compreensão. Os psiquiatras infantis e os analistas de crianças também passaram a usar o conceito, seja em referência às teorias do apego, seja no próprio referencial psicanalítico. O mesmo se deu com os analistas praticantes das abordagens clínicas pais-bebês.

A questão que esse conceito abrange é a de saber como o mundo representacional dos indivíduos de uma geração dada pode influenciar o mundo representacional – e, portanto o comportamento – dos indivíduos de uma geração à frente, e por onde se passam os fenômenos de transmissão que subtendem essa influência.

Em 1914, no artigo *Para introduzir o narcisismo*, Freud insiste sobre os dois aspectos da identidade, a identidade individual e a identidade grupal. Assim, para se constituir, o indivíduo herda um material psíquico indispensável, pelo viés de suas filiações, materna e paterna. A partir daí, várias correntes de pesquisas sistêmicas e psicanalíticas se desenvolveram, buscando precisar por onde podem se exercer as influências das gerações passadas sobre as gerações presentes.

Se a realidade psíquica dos pais modela a dos filhos, esta, por sua vez, não é modelada de maneira passiva. Na verdade, a vida psíquica do recém-chegado ao mundo se constrói em inter-relação com a vida psíquica de seus próximos, e é assim que, marcada pela de seus pais, ela é também, através deles, marcada por aquela de seus ascendentes. Essa dinâmica relacional se realiza no cotidiano da vida psíquica do bebê, depois na vida psíquica da criança pequena, e

isso não somente no momento edípico. Essa dinâmica faz atuar os objetos internos dos objetos do sujeito, e esses vão assim contribuir indiretamente para a constituição dos objetos internos da criança, sem que se trate de uma “transmissão” propriamente dita. A maioria dessas operações psíquicas é inconsciente, e elas resultam do duplo movimento das impressões dos pais sobre os filhos e das expressões dos filhos dirigidas aos pais, sendo que estas últimas dependem das capacidades da criança, e também da tolerância e da aceitação dos pais em relação à expressão dos filhos (TISSERON, 2000). Essas heranças psíquicas, passadas de geração em geração, que transmitem as aquisições da humanidade, também exigem da parte da criança o trabalho de superar as questões que ficaram em estado de sofrimento no inconsciente de seus genitores e de seus ascendentes.

Já em Freud, a continuidade intergeracional aparecia na constituição do Super-Eu e do Ideal do Eu, pois o Super-Eu não é constituído sobre o modelo dos pais, mas sobre o modelo do Super-Eu dos pais. É por meio dessas instâncias que os pais transmitem aos filhos seus desejos não realizados, como também suas próprias inibições e proibições.

Deve-se a Ferenczi a insistência sobre as situações traumáticas impostas às crianças pelos adultos, inclusive pelos pais, e sobre as transmissões dos conteúdos psíquicos que delas resultam, entre os quais a transmissão da vergonha, em geral ligada às seduções sexuais (FERENCZI, 1933). A partir de Ferenczi, e de sua noção de introjeção, os trabalhos de Abraham e Torok (1987) inauguraram o campo de estudo das transmissões intergeracionais e transgeracionais, tratando do luto, da cripta, e do fantasma. Buscando uma precisão terminológica, N. Abraham e M. Torok propuseram distinguir os conceitos de transgeracional e de intergeracional. A transmissão transgeracional se daria essencialmente entre gerações sem contato direto, se faria no sentido descendente e passaria como o não-dito, por exemplo. Já a transmissão intergeracional se daria entre gerações em contato direto (pais e filhos), ela poderia ser em duplo sentido. Na transmissão transgeracional os conteúdos psíquicos das crianças podem ser marcados pelo funcionamento psíquico dos avós ou de outros que não conheceram, mas cuja vida psíquica marcou seus pais.

O conceito de introjeção tal como definido por Abraham e Torok relaciona-se com a noção freudiana de elaboração psíquica, e também com a definição abrangente de Ferenczi, que envolve a consideração da realidade. Nessa perspectiva, a vida é marcada por momentos mais ou menos fortes de

elaboração e reelaboração psíquica, que se dão não somente na infância e adolescência. A vida psíquica assim é compreendida como um trabalho de autoelaboração sempre renovado. D. Stern (1992) coincide com essa posição, segundo a qual os traumatismos podem ocorrer em qualquer momento da vida, e não somente relacionados a períodos sensíveis, quando ocorreriam fixações específicas. Quando essa autoelaboração transcorre de maneira satisfatória, Abraham e Torok (1987) a chamam de introjeção. Mas quando isso não se dá, encontramos um sofrimento psíquico, que corresponderia a um “traumatismo”, no sentido próprio de que o funcionamento psíquico não conseguiu elaborar um acontecimento e se apropriar dele. Trata-se então de uma “inclusão” no Eu do conjunto dos sentimentos, emoções, pensamentos e imagens mobilizados na situação ameaçadora ou penosa. Quando o acontecimento é condenado ao segredo, os autores chamam de “recalcamento conservador”, distinto do recalcamento dinâmico, que se define em termos de conflitos móveis, enquanto o recalcamento conservador mantém aqueles conteúdos recalcados imobilizados no psiquismo. No nível tópico, esse processo resulta na “cripta”, na qual o símbolo psíquico fica quebrado em fragmentos e inatingível. As tentativas de rompimento das paredes da cripta manifestam-se pelos “fantasmas de incorporação”. O que importa é que o psiquismo de uma criança em contato com um pai com cripta fica afetado segundo o que os autores chamaram de “trabalho do fantasma no Inconsciente”. O sujeito é levado a simbolizar em relação a um outro, presente nele sob a forma de um objeto psíquico interno enquistado, à custa de sua própria vida pulsional (TISSERON, 2000).

Nessa perspectiva, a questão não é a gravidade objetiva do traumatismo, mas sim a impossibilidade para o sujeito de elaborá-la. Isso conduz a passar de uma compreensão dos efeitos das estruturas psíquicas dos pais sobre os filhos, para se interessar aos registros dos traumatismos específicos que podem tê-los afetado. Entre eles os lutos não realizados em uma geração, que poderão influenciar a geração seguinte, como também a vergonha familiar silenciosa que pode vir a se expressar mais tarde por doenças físicas ou psíquicas nos descendentes, segundo Tisseron (1992).

Já a identificação endocríptica é aquela na qual a identidade do sujeito é trocada pela identificação com o objeto “perdido”. Essa repetição se dá aquém da inscrição, do que é impossível de ser dito, pois houve uma destruição da figurabilidade. Sempre há a busca de ocultamento da ferida. Houve uma perda súbita do objeto – ainda indispensável do ponto de vista narcísico – sem

que se possa confessar a perda: essa é também uma condição para a formação da cripta. Há, na origem, um segredo partilhado e vergonhoso do ponto de vista do Ideal do Eu.

O fantasma é outra forma que pode assumir a transmissão transgeracional. Segundo Abraham (1987), há duas dimensões do fantasma, uma estruturante, outra patológica. O fantasma estruturante refere-se à introjeção do desejo, realizado ou não, dos pais. No segundo caso, trata-se do fantasma como efeito da cripta sobre as gerações subsequentes, que o descendente transporta sem saber, fruto de seu pertencimento a uma família cuja organização guarda um segredo. Vale notar que o surgimento do fantasma não se refere à perda do objeto, mas aos efeitos nos descendentes daqueles que, diante da perda, construíram uma cripta.

Assim, quando a elaboração psíquica de um luto ou outro traumatismo não pode ser feita em uma geração, resulta uma clivagem que vai constituir para as gerações seguintes uma verdadeira pré-história de suas histórias pessoais. Trata-se de um acontecimento “indizível” para aquele que o viveu, em geral por vergonha. O sujeito se torna portador de uma “cripta”. Na geração seguinte, o acontecimento torna-se “inomeável”, pois não pode ser objeto de nenhuma representação verbal. Seus conteúdos são ignorados, e sua existência é no máximo pressentida. Nas crianças podem resultar dificuldades de pensamento, de aprendizagem, ou temores imotivados, fóbicos ou obsessivos. Já na terceira geração, os acontecimentos relativos à história dos avós se tornam verdadeiramente “impensáveis”. A própria existência de um segredo ligado ao traumatismo não elaborado é ignorada. As crianças podem experimentar sensações, emoções ou imagens que parecem “bizarras”, “estranhas”. Podem aparecer sintomas no campo das aprendizagens, ou toxicomanias, alcoolismo e delírios. O risco de psicose aumenta quando se trata de duas gerações parentais, materna e paterna com segredos graves (ABRAHAM; TOROK, 1987; TISSERON, 2000).

Para esses autores, as influências entre gerações são parte fundamental da constituição psíquica. Essas abordagens completam e enriquecem a abordagem freudiana tradicional da formação dos sintomas. A teoria das pulsões permite compreender os mecanismos de formação dos sintomas, mas raramente a intensidade das marcas emocionais e das fixações trazidas pelos conflitos psíquicos e pelas experiências responsáveis pelos sintomas. Essa abordagem transgeracional esclarece melhor a intensidade dos sintomas ao situá-los considerando não só o sujeito, mas também seus ascendentes e seus próximos em uma dinâmica intersubjetiva. Mas há muito ainda a pesquisar e a esclarecer,

em particular, segundo Tisseron, em relação ao “bloqueio dos processos de simbolização”, que interessa diretamente à clínica.

Nesses processos de transmissão entre gerações, ou de influências exercidas de uma geração sobre a outra, como prefere Tisseron, vários são os mecanismos pelos quais essas influências transmitem-se:

- O modo sensório-afetivo-motor entre mãe e bebê, levando às primeiras representações que a criança forma do mundo e, portanto, a seus primeiros modelos de pensamento. As experiências corporais e sensoriais estão aqui em primeiro plano.
- As transmissões por linguagem vocal – ritmos, gritos, suspiros, indícios do estado emotivo do adulto, que o bebê percebe e registra.
- As transmissões pela linguagem verbal – os fantasmas e desejos inconscientes dos pais habitam sua linguagem verbal, e podem remeter a elementos específicos da história familiar (TISSERON, 2000, p. 127).

Todas essas questões nos levam a deduzir que o inconsciente de cada um traz, invariavelmente, a marca, na sua estrutura e nos seus conteúdos, do inconsciente do outro, ou melhor dizendo, de muitos outros. Deste modo o material de vida psíquica se torna passível de ser transmitido no interior de uma família, entre gerações. Em alguns casos, como vimos, o que se transmite é preferencialmente aquilo que não se contém, aquilo que não se retém, aquilo de que não se lembra: a falta, a doença, a vergonha, o recalçamento, os objetos perdidos, e ainda enlutados. Trata-se de algo que é transmitido de um espaço psíquico a outro, sem possibilidade de elaboração.

A transmissão psíquica transgeracional, segundo essa compreensão, envolve a transmissão de um material psíquico que não pode beneficiar a geração seguinte, porque está em suspensão, num estado em que não há a possibilidade de metabolização e integração de seus conteúdos, no sentido de vir a favorecer o surgimento de transformações criativas ao longo do processo de subjetivação geracional. Este tipo de transmissão é considerado alienante e não estruturante, impedindo a singularização do herdado, pois se impõe em estado bruto aos descendentes (GOMES; ZANETTI, 2009).

Os traumas são terreno fértil para o fenômeno da transmissão psíquica transgeracional, pois ficam fora da possibilidade de processamento psíquico, envolvidos na simbolização e na linguagem verbal. Ficam em estado bruto, restos do traumático repetidos ao longo das sucessivas gerações; cada sujeito carrega tais restos que podem se apresentar pelos *acting-out*, ou por imagens,

por pesadelos, por sintomas e várias formas de sofrimento, como vimos acima. Parte da subjetividade fica comprometida, pois abriga em si o impensável, o irrepresentável, pois nesses casos não podem se dar as modificações do transmitido/recebido que permitam sua integração psíquica pelo sujeito.

Trata-se, para Inglez-Mazzarela (2006), da transmissão em sua dimensão de negatividade: o transmitido fica fora do alcance de um trabalho de elaboração psíquica. Kaës (1989) chama isso de patologia da transmissão, afetando um sujeito em sua constituição, sendo construída na relação intersubjetiva e sustentada por um pacto denegativo ou um contrato inconsciente grupal ou familiar sobre o negativo.

Para Lebovici,

cada um de nós é portador de um mandato transgeracional: podemos dizer que nossa “árvore de vida” mergulha suas raízes na terra molhada pelo sangue que os ferimentos provocados pelos conflitos infantis de nossos pais fizeram correr. Entretanto, essas raízes podem deixar a árvore de vida desabrochar quando elas não estão escondidas nas profundezas da terra e, portanto, inacessíveis. Em geral, e isso é bom, a filiação, marcada por conflitos neuróticos, não interdita os processos de afiliação cultural (1995, p. 5).

A árvore de vida da criança, isto é o mandato que é atribuído a ela na transmissão transgeracional, faz assim entrar em sua vida psíquica a geração dos avós e dos ascendentes por intermédio dos conflitos infantis de seus pais, sejam eles pré-conscientes ou recalcados. Conflitos mais atuais e em especial os traumas, podem também se inscrever nessa árvore de vida, acontecimentos que por vezes atribuem um sentido *a posteriori* aos conflitos ou aos momentos traumáticos infantis. São o que Fraiberg, (1999) nomeou como sendo os “fantasmas no quarto das crianças”, visitantes que surgem do passado esquecido dos pais e que não são “convidados ao batismo”. “Em circunstâncias favoráveis, os fantasmas são caçados do quarto das crianças e voltam para suas moradas subterrâneas. Mas, em alguns casos desfavoráveis, essas representações do passado no presente ressurgem e invadem os espaços, e se instalam, afetando gravemente a relação dos pais e do bebê” (MORO, 2005, p. 263).

Na clínica, defrontamo-nos com os efeitos da transmissão transgeracional manifestada no sofrimento dos sujeitos aprisionados em sua incapacidade de metabolizar seus legados. Nossa tarefa, como terapeutas, é reconstituir o percurso simbólico da transmissão e favorecer a elaboração da herança. E quando se trata de bebês e de crianças, nossa tarefa se apresenta mais urgente, pois es-

tamos no tempo da constituição subjetiva do sujeito, e, portanto, lidando com os próprios efeitos dessas influências sobre os processos de subjetivação. Podemos dizer que é nesse ponto que vai se apresentar a aposta terapêutica, buscando criar – co-criar com a mãe e seu entorno a partir da criança, que é um parceiro ativo da relação – as condições necessárias para identificar esses fantasmas, “mais do que caçá-los de verdade, negociar com eles, de certo modo, humanizá-los” (MORO, *ibid.*, p. 264).

“Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu”.
(FREUD, 1913-14, citando Fausto, de Goethe).

Regina Orth de Aragão
reginaoa@uol.com.br

Referências

ABRAHAM, N.; TOROK, M. *Lécorce et le noyau*. 2. ed. Paris: Ed. Flammarion, 1987.

CICCONI, A. Transmission psychique et parentalité. *Cliopsy*, Paris, n. 11, p. 17-38, 2014.

FERENCZI, S. (1933). *Confusão de língua entre os adultos e a criança*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Obras completas Sándor Ferenczi, 4).

FRAIBERG, S. *Fantômes dans la chambre d'enfants*. Paris: PUF, 1999.

FREUD, S. (1914). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 77-113. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

GOLSE, B. *Sobre a psicoterapia pais-bebês: narratividade, filiação e transmissão*, São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2003.

GOMES, I. C.; ZANETTI, S. A. Transmissão psíquica transgeracional e construção de subjetividade: relato de uma psicoterapia psicanalítica vincular. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 20, n. 1, janeiro/março 2009.

INGLEZ-MAZZARELLA, T. *Fazer-se herdeiro: a transmissão psíquica entre gerações*. São Paulo: Escuta, 2006.

KAËS, R. Le pacte dénégatif dans les ensembles transsubjectifs. In : MISSENARD et al. *Le négatif, figures et modalités*. Paris: Dunod, 1989.

_____. *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

LEBOVICI, S. Surmoi II, les développements post-freudiens. *Monographies de la Revue Française de Psychanalyse*, P.U.F., 1995.

MORO, M. R. Os ingredientes da parentalidade. In: *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. VIII, n. 2, p. 258-273, junho 2005.

STERN, D. *O mundo interpessoal do bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

TISSERON, S. *La Honte, psychanalyse d'un lien social*. Paris : Dunod, 1992.

_____. *Le psychisme à l'épreuve des générations*. Paris : Dunod, 2000.